



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo *Jornal da Manhã* (1955)

Ricardo Enguel Gonçalves¹

Resumo: No ano de 1955, o eleitorado ponta-grossense foi às urnas para escolher o prefeito da comuna. Aproximando políticos e eleitores, a mídia impressa local divulgou propagandas, acrósticos e reuniões partidárias ao longo de suas edições. O *Jornal da Manhã*, um dos veículos midiáticos escritos, abrigou a campanha de David Federmann (UDN) por meio da coluna 'David Federmann e sua candidatura'. Nessa coluna, encontramos conflitos entre a ascendência judaica do candidato e o cargo por ele almejado, reforçando o periódico como *locus* de disputa.

Palavras-Chave: Ponta Grossa; Eleições; Religião.

The written press as a vehicle for electoral tensions: political-religious conflicts reported by *Jornal da Manhã* (1955)

Abstract: In 1955, the electorate of Ponta Grossa went to the polls to choose the mayor of the municipality. Bringing politicians and voters closer together, the local print media published advertisements, acrostics and party meetings throughout its editions. The *Jornal da Manhã*, one of the print media outlets, hosted David Federmann's (UDN) campaign through its column 'David Federmann e sua candidatura' (David Federmann and his candidacy). In this column, we find conflicts between the candidate's Jewish ancestry and the position he sought, reinforcing the newspaper as a *locus* of dispute.

Keywords: Ponta Grossa; Elections; Religion.

Introdução

Provocando a comunidade historiadora a abordar campanhas eleitorais, o uso da mídia durante o período eleitoral e o tensionamento com setores religiosos e econômicos à medida em que as candidaturas são formadas, René Rémond alimenta a escritura deste texto ao explicitar que “[...] as eleições municipais também mereceriam que alguém se interessasse por elas; pelo menos, as renovações gerais das municipalidades”^{II}. Se, por um lado, as disputas em âmbito nacional geram maiores reverberações devido ao alcance que adquirem, por outro, as disputas locais têm sua importância pela consequência direta que imprimem ao eleitor, haja vista a proximidade entre os debates, as promessas e o público votante – destinatário final das campanhas. É através das campanhas municipais que o eleitor se encontra mais propenso a se sentir participante da eleição, pois é frequentemente abastecido de intenções e garantias quanto a resoluções de problemas cotidianos, aqueles que de fato lhes causam angústias corriqueiras (rede de esgoto, asfalto, luz elétrica, transporte coletivo, coleta de lixo).

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

É, também, através das campanhas eleitorais que o eleitor se torna alvo de discursos afinados com a cultura política e religiosa que majoritariamente professam. Portanto, pode-se deduzir que os candidatos disputam a preferência do eleitorado inclusive por meio da familiaridade religiosa, isto é, forjando um perfil religioso caso a comunidade na qual esteja disputando a eleição assim exija. Quando a estratégia eleitoral é elencada, os candidatos organizam a agenda política de acordo com a necessidade momentânea, ou seja, buscando sempre a solução possível e o discurso cabível a cada situação – em consonância com sua ideologia (seja ela delimitada ou fragmentada/fisiológica)^{III}.

Dessa forma, este texto esboça uma discussão sobre a maneira como o periódico *Jornal da Manhã*, mídia impressa da cidade de Ponta Grossa, localizada no estado do Paraná, fabricou a imagem de David Federmann, candidato a prefeito pela União Democrática Nacional (UDN) na eleição de 1955. Nosso enfoque neste escrito é a dimensão religiosa presente na campanha do prefeiturável, procurando destacar momentos em que a dita representação/identidade religiosa do prefeiturável foi discutida junto ao periódico. De acordo com o órgão noticioso, David Federmann possuía ascendência judaica, o que exigiu de sua parte articulações e estratégias para se manter no páreo em meio a cultura religiosa municipal predominantemente católica.

Levando-se em consideração o espaço midiático em que se deu a discussão analisada, a imprensa escrita se torna cada vez mais uma importante fonte para inquirições historiográficas, sobretudo as de cunho político. O historiador Patto Sá Motta, dedicado investigador da história através da imprensa, salienta que: “o estudo da grande imprensa assume importância particular por sua capacidade de influenciar a formação da opinião, ou melhor, das opiniões do público e da sociedade, em uma época em que a televisão ainda estava em consolidação”^{IV}. O autor se refere aos anos 1960, uma vez que sua análise estava voltada para a imprensa brasileira durante a ditadura civil-militar. Contudo, além de concordar com a sentença acima, não seria exagero afirmar que o estudo da pequena e média imprensa escrita, principalmente as locais e regionais, cumpriria importante papel na ampliação do conhecimento histórico. Ademais, nosso recorte temporal (1955) se aproxima do escolhido pelo autor.

O cenário político de 1955: os grupos partidários e os formadores de opinião

Em recente obra organizada por Frank Mezzomo, Lucas da Silva e Cristina Pátaro (2022)^V sobre religião e eleições no Paraná, a epígrafe que abre a leitura do livro diz: “Quem acha que religião e política não se misturam, não entende nada nem de religião, nem de política”. Atribuída ao antropólogo Otávio Velho, tal citação expõe uma relação instigante para as diversas áreas das Ciências Humanas – História, Sociologia, Ciência Política, Filosofia, Teologia, Ciência das Religiões. Tratado em conjunto, o assunto aqui problematizado tece considerações acerca da dimensão do *homo religiosus* frente aos momentos eleitorais, ou seja, enfatiza que não se pode menosprezar o peso das crenças individuais (religiosidades/espiritualidades)^{VI} no que se refere ao depósito do voto. Sabendo da importância da fé para uma comunidade eleitora, as campanhas políticas, em maior ou menor grau, tendem a dar atenção aos aspectos religiosos que possam influenciar a escolha do eleitor. Nessa arena de interesses em que os atores sociais atuam visando sempre o poder, a mídia ocupa um posto central, pois como observou Emerson Cervi, ela tem dupla função: mediar o debate e apresentar (representar) informações: “considerada instrumento indispensável para o debate público em democracias de massa, a mídia é, ao mesmo tempo, reguladora do debate e fornecedora do mais relevante insumo para a decisão sobre política por parte do cidadão comum: a informação”^{VII}. Corroborando com nossa tese a respeito da necessária redução

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

escalar ao tratar a mídia, o autor assevera que, assim como a eleição municipal é o pleito no qual os eleitores se sentem partícipes diretos das campanhas^{VIII}, o veículo de comunicação local aproxima o leitor-eleitor dos embates habituais:

Tradicionalmente, costuma-se prestar atenção aos impactos que a mídia de massa tem sobre grandes populações, como, por exemplo, em disputas eleitorais nacionais. No entanto, é preciso considerar que, em sociedades complexas como as que vivemos, os processos de interação social – mesmo em grupos sociais menores – não são diretos ou simples. Meios de comunicação locais também interferem no debate sobre temas públicos em pequenas comunidades, com o agravante de que eles costumam ter mais credibilidade do que as grandes mídias externas ao grupo social^{IX}.

Investigando tal problemática em Ponta Grossa, encontramos a campanha de David Federmann (UDN) à prefeitura da cidade referente ao ano de 1955 nas páginas de um dos periódicos locais, o *Jornal da Manhã*. A cidade de Ponta Grossa está localizada aproximadamente cem quilômetros da capital Curitiba, e em 1955 possuía 17 769 eleitores, portanto, o segundo colégio eleitoral do Estado – atrás apenas de Curitiba^X. Dois veículos de imprensa escrita locais disputavam a formação da opinião pública e, curiosamente, cada qual pertencia a um grupo político rival. O *Diário dos Campos*, atuante desde o início do século XX era dirigido nos anos 1950 por José Hoffmann, político filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), além de possuir colaboradores vinculados ao Partido Social Democrático (PSD) em sua equipe. Por outro lado, devido às iniciativas de Petrônio Fernal, prefeito eleito pelo PTB em 1951, porém, com passagens pela UDN, fundou-se, em 1954, o *Jornal da Manhã*, periódico concorrente do *Diário dos Campos*^{XI}.

No momento em que a sucessão municipal de 1955 passou a ser disputada, tanto o eleitorado quanto a imprensa local estavam divididos. O *Diário dos Campos* embarcou na campanha de José Hoffmann (PTB), ainda que o diretor tenha se afastado do periódico durante o período eleitoral, arrendando o jornal para Nivon Weigert, intelectual e político filiado ao PSD^{XII}. Weigert dedicou o curto espaço em que dirigiu o *Diário dos Campos* para promover a campanha de Moysés Lupion (PSD) ao governo do Paraná ao passo que divulgava a chapa de vereadores petebistas e o candidato a prefeito José Hoffmann em meio as matérias das mais diversas. Prosseguiu assim até a apuração do resultado do pleito de 3 de outubro daquele ano.

Por sua vez, o *Jornal da Manhã* apoiou a “Frente da Renovação Nacional”, coligação encabeçada pela UDN. Ou seja, para presidente da República estava com Juarez Távora e para seu vice, Milton Campos. Para governador do Paraná divulgava o nome de Othon Mader; e para prefeito de Ponta Grossa, David Federmann^{XIII}. Este, havia sido eleito vereador mais votado da UDN em 1951, com 251 votos^{XIV}. Durante o mandato legislativo foi sufragado à presidência da Câmara de vereadores. Para disputar a prefeitura ponta-grossense contava com o apoio do católico e presidente da UDN local, João Vargas de Oliveira, o político que comandava os rumos da sigla brigadeirista na cidade desde 1947.

Além de José Hoffmann (PTB) e David Federmann (UDN), Eurico Batista Rosas (PSP), Arthur Nadal (PR), Almiro Escobar (PL) e Abramo Olvidio Guimarães Gasparetto (PDC) foram homologados para disputar a prefeitura em 1955. Com exceção das campanhas de Hoffmann (PTB), que possuía notas mais corpulentas no *Diário dos Campos*, e de David Federmann, que teve ampla cobertura por parte do *Jornal da Manhã*, pouca coisa, além de divulgações esporádicas, podia ser encontrada sobre as demais candidaturas.

Dessa forma, enfocando a coluna intitulada ‘David Federmann e sua candidatura’, devidamente ativa a partir de julho de 1955 no *Jornal da Manhã*, percebemos a mídia impressa ponta-grossense como órgão empenhado na fabricação (ou representação) de um candidato. A coluna tinha

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

como objetivo divulgar aos eleitores as qualidades que faziam de Federmann um prefeiturável competente e hábil para resolver os problemas dos mais diferentes que assolavam à cidade – rede de esgoto, iluminação pública, pavimentação –, ou seja, necessidades de primeira ordem.

Contudo, um aspecto amplamente debatido e repetidas vezes repreendido pela campanha do udenista nos intrigou. Ainda em julho de 1955, quando as campanhas começavam a tomar corpo, a mencionada coluna trouxe o seguinte título “não há argumentos para combater o médico-candidato”. No corpo do texto, três acusações foram destinadas à candidatura de Federmann, na intenção de demover possíveis eleitores do médico udenista. A primeira, dizia respeito a sua profissão, médico que era, segundo seus adversários (não especificando quais), não teria Federmann disponibilidade de tempo para servir à comunidade e clinicar concomitante, caso eleito. A segunda, focava a sua idade, atrelando a mocidade como empecilho para governar a cidade mais importante do interior paranaense. Até aqui, nada de surpreendente, visto que o acúmulo de atividades e a tenra idade podiam ser usadas como pontos a serem explorados pelos políticos carreiristas e experientes como forma de arrefecer a candidatura do prócer udenista. Contudo, a terceira acusação nos chamou a atenção. Para os supostos adversários, Federmann não merecia o voto dos ponta-grossenses por ser *filho de judeus*. Continua a nota:

O Dr. David Federmann é filho de judeus. Este modo de combater a candidatura David Federmann, preferido por alguns sem dúvida, é o mais injusto e antidemocrático, anticristão e anti-humano, porque assume feição de guerra a religião e a uma comunidade, o que não mais é admissível, desde o século passado! Esquecem, sobretudo, tais indivíduos, que se o Dr. David Federmann merece confiança para salvar a vida de nossos filhos e nossas mães, também a merece para administrar nossa cidade. Como ainda esquecem que o Dr. David Federmann, desde que se diplomou, clinica, há mais de dez anos, em nossa cidade, prestando suas atividades médicas com desambição, tanto particularmente como em instituições filantrópicas, quais sejam o Asilo S. Vicente de Paulo e Creche Hercília de Vasconcelos; e serve, também, como médico efetivo do Hospital 26 de Outubro, sob assistência das abnegadas Irmãs de São José, além de ser fundador do Hospital São Lucas, a novel e primeira casa de saúde particular de Ponta Grossa, onde, a par dos serviços hospitalares, existe assistência religiosa ministrada por sacerdote católico. Num país livre como o nosso, onde tem guarida, por parte do poder político e pela mentalidade de nosso povo bom e democrata, todas as religiões e cultos, povos de todas as raças e origens, não deixa de ser absurda afronta aos mais sagrados direitos do homem, combater-se um candidato por tal expediente. Num país como o nosso, onde cidadãos de todas as crenças vivem, trabalham, prestam serviço à Pátria comum e se sentem felizes até de morrer por ela, de nada vale a campanha dos que ainda pensam obrigar os homens a rezarem pela mesma cartilha, em matéria de fé ou política, como se estivéssemos numa ditadura totalitária. Ora... isto é assunto morto^{XV}.

Ao explorar o item, a campanha de Federmann trouxe à tona um aspecto interno à Igreja Católica em discussão há muito tempo e que em 1955 ainda não estava exaurido: o litígio com o povo judeu. Em primeiro lugar, a campanha udenista recorreu ao sentimento cristão católico, predominante e sobranceiro na cidade ponta-grossense^{XVI}, intitulando o combate à campanha do médico devido à sua ascendência judaica como “injusto”, “antidemocrático”, “anticristão”, “anti-humano” e aproximando tal atitude a uma “guerra à religião e a uma comunidade, o que não é mais admissível, desde o século passado!”^{XVII}. Qual a necessidade da campanha rebater tal representação, se, de fato, a ascendência judaica era verídica? As constates linhas usadas pela campanha da UDN para discutir o assunto indicam que o fator religioso (nesse caso étnico-religioso) importava ao eleitor. Dessa forma, cabe-nos ressaltar os imbróglis que envolviam a comunidade judaica e o catolicismo, até pelo menos o Concílio Vaticano II. Ou melhor, até 1965, quando da publicação da Declaração *Nostra*

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

Aetate, em que se deixou explícito o repúdio por parte da Igreja Católica a qualquer manifestação ou prática antijudaica^{XVIII}.

Catolicismo, judaísmo, tensões e conflitos: a campanha de David Federmann

Que perseguições ao povo judeu marcaram séculos e mais séculos, muito se sabe. Contudo, encontrar ecos dessa prática no pós-Segunda Guerra em uma cidade do interior do Paraná, trata-se de um fato historiograficamente interessante. Para o cristianismo, em especial para o catolicismo da Críandade, o “mito teológico” que endereçava a responsabilidade pela morte de Jesus Cristo ao povo judeu, acusado de deicídio, acabou estigmatizando todo um grupo e uma tradição, relegando-o à estranheza. Desta forma é apresentado o povo judeu quando a modernidade avançava as décadas:

A concepção dos judeus como grupo estranho à Nação se acentuou na Modernidade, mas tem raízes medievais na rejeição dos judeus como povo estranho à Críandade, não só em termos nacionais, mas teológicos: os judeus eram tidos como culpados da morte de Cristo, dignos de suspeita por parte da Igreja e das Monarquias^{XIX}.

Da acusação de deicídio surgiram duas manifestações tão cruéis quanto a estranheza que já se tinha acerca da comunidade judaica. Denominadas por Maçaneiro e Sousa como “duas teorias antijudaicas”, a *sentença da substituição* e a *sentença da maldição* perseguiram os judeus ao longo dos tempos. A respeito da primeira, destaca-se que retirou o rótulo de povo escolhido, atribuído ao povo de Israel, ao passo que transferia o *status* de condutora da salvação da humanidade para a Igreja Católica, herdeira do legado de Cristo. Sobre a segunda sentença, atribuía aos judeus a condição de eternos peregrinos, povo ausente de terra, estranho à pátria. Os judeus deveriam vagar pelo mundo até que se tornassem cristãos-novos (convertidos ao catolicismo). Sobre isso, ponderam os autores:

Enquanto a Igreja não reviu esta opinião com sólido exame bíblico e histórico, a acusação de deicídio e a teoria da substituição causaram grandes prejuízos ao povo judeu, especialmente na Europa: perda de direitos, segregação, expulsão de vários países, perseguição e morte^{XX}.

A revisão da opinião católica viria ainda em 1928, quando sob o papado de Pio XI a Igreja manifestou publicamente sua posição contrária ao ódio e as perseguições até então praticadas contra o povo judeu – inclusive apresentando tais atos como antissemitismo. Porém, como asseveram os autores, “o sentimento antijudaico estava muito arraigado, nos meios cristãos, para ser desfeito por uma Nota de poucas linhas”^{XXI}.

A situação de animosidade entre cristãos e judeus era tão grande que até a tradição litúrgica romana incorporava catequeticamente uma oração para a conversão dos “infiéis” judeus, periodicamente, durante a celebração da Sexta-Feira da Paixão. Tratados na liturgia como “pérfidos”, “obcecados” e “envoltos em trevas” até 1958, tais expressões somente foram extirpadas do rito a partir de 1959, sob o papado de João XXIII^{XXII}.

Como não bastasse as sentenças que vilipendiaram a comunidade judaica, o jesuíta Gustav Gundlach classificou em dois conceitos distintos o antissemitismo no início dos anos 1930. O primeiro, seria o *antissemitismo nacional e político-racial*, no qual o ódio ao povo judeu é exclusivamente vinculado à nacionalidade. Ou seja, é racista etnicamente e não leva em consideração as práticas ou as ações do sujeito, mas sim a sua nacionalidade. Gundlach enxerga nesse antijudaísmo uma expressão pura de incoerência com os ensinamentos da Igreja sobre amar ao próximo, portanto, um malefício para a solidificação do espírito cristão^{XXIII}. O segundo, por sua vez, trata-se do

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

antisemitismo político-estatal, usado pela Igreja para afastar qualquer penetração hebraica na sociedade moldada ao bel-prazer da Cristandade. Gundlach chega a mencionar um combate moral e legislativo dessa possível “influência” judaica^{XXIV}.

Após o genocídio hitlerista, em 1947, na Suíça, foi realizada a Conferência de Seelisberg, na qual delimitou-se dez pontos para extirpar as mazelas do antisemitismo e suas ramificações no mundo. Dentre os pontos especificados pela Conferência, houve a recapitulação das origens da própria Igreja, enfatizando a ascendência de Jesus (filho de mãe judia, da família de Davi) e o mandamento que exigia o amor a Deus e a todos os irmãos – independente da profissão de fé. Além disso, incorporou nova abordagem no que se refere ao tratamento dos judeus por parte dos católicos, dogmática e biblicamente. A Conferência alertava para que não se usasse da interpretação católica para menosprezar os judeus e que a acusação de deicídio não cabia ao grupo étnico-religioso. Esses pontos marcaram uma guinada na condução católica acerca do tratamento para com a comunidade judaica, em especial pós-Vaticano II^{XXV}.

Dessa maneira, entre a publicização dos pontos apurados na Conferência de Seelisberg (1947) e a divulgação da Declaração *Nostra Aetate* (1965), encontra-se a eleição municipal ponta-grossense de 1955, em que se pode perceber a presença dessa tensão envolvendo uma cultura católica romanizada, centrada na figura do clero e do bispo tradicionalista, Dom Antonio Mazzarotto, e um candidato representado como pertencente à comunidade judaica. Se David Federmann (UDN) era religioso ou se praticava os ritos judaicos, não compete a nossa investigação, contudo, sua representação como ator social vinculado ao judaísmo torna-se imprescindível para nossa problematização, pois foi essa a característica que seus adversários procuraram explorar durante a campanha.

Embora tenhamos encontrado noutros momentos da campanha afirmações acerca da nacionalidade estrangeira dos pais de Federmann, como por exemplo, o depoimento enaltecido feito por Beverly Gônzer, integrante do comitê feminino da UDN local, sobre a biografia do médico, a mesma informante afirma que David Federmann é nascido no Brasil, formado e atuante no país:

[...] embora, filho de pais estrangeiros [judeus], o dr. David é brasileiro, pois aqui nasceu, estudou e cumpre seus deveres para com a sociedade, a família e a Pátria. Bom filho, amigo leal, médico dedicado, o dr. David Federmann com sua personalidade ímpar, eleito governará Ponta Grossa com pulso firme e seguro, com justiça e com disciplina^{XXVI}.

Partindo dessa afirmação, não acreditamos que o antisemitismo de tipo *nacional e político-racial*, segundo a classificação de Gundlach, tenha sido o usado para atacar a campanha de David Federmann. Ainda que o próprio candidato tenha usado o momento decisivo da campanha eleitoral, o encerramento, para expor ao público votante que não era um estranho à pátria, acreditamos na existência do antisemitismo do tipo *político-estatal* durante aquela eleição. Isto é, o foco não era a nacionalidade do candidato, mas sim a sua ascensão ao posto de prefeito da maior cidade do interior do Paraná, majoritariamente cristã católica. O discurso de David Federmann enfocou a questão judaica:

[...] A pecha que nos enviam é a de um *racismo* que não encontra eco em nosso foro de povo civilizado e a de uma discriminação profissional que não se justifica. De um racismo que não encontra eco porque em nossa incipiente formação étnica somente num futuro distante, quando se plasmarem todas as correntes humanas que contribuem para a nossa população é que se poderá falar em tipo racial brasileiro. *Exercendo minhas atividades profissionais em ambiente eminentemente cristão*, dentro do mais dignificante respeito mútuo, tendo por 7 anos pertencido às fileiras do nosso glorioso Exército Nacional desde os mais modestos posto até o oficialato, num dos períodos mais graves da história pátria, é com orgulho que proclamo me considerar tão bom brasileiro como o melhor de vós outros^{XXVII}.

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo *Jornal da Manhã* (1955)

GONÇALVES, R. E.

O indicador que nos leva a crer na atuação do antissemitismo do tipo *político-estatal* a respeito da eleição de 1955, está circunscrito na tentativa frequente do *Jornal da Manhã* em viabilizar a candidatura de David Federmann (UDN) junto aos eleitores potencialmente cristãos. Como esse tipo de antijudaísmo tem como característica o combate moral e legislativo, conforme definição de Gundlach, visando minar qualquer influência hebraica sobre a sociedade, percebemos uma campanha representando um médico que, embora não cristão católico, convivia em harmonia e respeito com a crença e a tradição religiosa majoritária na comunidade. O primeiro exemplo disso está presente no seguinte trecho:

David Federmann, desde que se diplomou, clinica, há mais de dez anos, em nossa cidade, prestando suas atividades médicas com desambição, tanto particularmente como em instituições filantrópicas, quais sejam o Asilo S. Vicente de Paulo e Creche Hercília de Vasconcelos; e serve, também, como médico efetivo do Hospital 26 de Outubro, sob assistência das abnegadas Irmãs de São José, além de ser fundador do Hospital São Lucas, a novel e primeira casa de saúde particular de Ponta Grossa, onde, a par dos serviços hospitalares, existe assistência religiosa ministrada por sacerdote católico^{xxviii}.

Nada insignificante, a informação sobre a rede de sociabilidade na qual o candidato estava inserido contribuía para a imagem frente ao eleitorado. Se, por um lado, ser representando como político alinhado ao comunismo era motivo de repulsa pelos setores à direita, por outro, ser atrelado a um ambiente cristão adornava a imagem do político no recorte espacial e temporal investigado em nossa pesquisa.

Aliás, a tal rede de sociabilidade teve um episódio de explícita divulgação. Em julho de 1955, um comício na praça Barão do Rio Branco (o “ponto azul”^{xxix}), concentrou as principais figuras simpática à Frente da Renovação Nacional. No dia 14 de julho, o *Jornal da Manhã* reportou o evento político que teve a presença de Juarez Távora (candidato a presidente pela UDN), João Vargas de Oliveira (líder da UDN local), dr. Clotário Portugal (presidente regional do PDC), David Federmann (o prefeiturável pela UDN), Othon Mader (candidato ao governo do Paraná pela UDN), Olvídio Gasparetto (candidato a prefeito de Ponta Grossa pelo PDC), Antônio de Queiroz Filho (deputado federal pelo PDC-SP, político ligado à Igreja Católica) e Sandra Cavalcanti (vereadora pela UDN-RJ). Todos tiveram direito a fala, entretanto, Cavalcanti se destacou pelo seguinte trecho, justificando sua adesão ao programa da Frente da Renovação Nacional:

[...] Três razões para a sua irmanação à comitiva do General Juarez Távora, em sua peregrinação pelo solo pátrio: a primeira, ser católica, no que obedecia compreensivamente à recomendação de Pio XII, que conclama as mulheres ao exercício do voto, como arma eficiente de combate ao comunismo deletério; a outra, ser udenista e Juarez Távora encarnar os ideais e o padrão moral do Udenismo; e finalmente, por ser mulher; e ninguém melhor que as mulheres para poder compreender que a situação econômica e financeira do país vai mal, pois que os cadernos de armazém compulsados pelas donas-de-casa constituem o melhor índice dessa certeza pelas suas contínuas majorações de preço^{xxx}.

Não se deve ignorar o fato de 1955 ser ano de eleições gerais, o que explica a presença de próceres de expressão nacional em plena campanha municipal. Desse modo, a fala da vereadora católica Sandra Cavalcanti ao inflamar os presentes no que se refere ao dever do voto feminino para barrar o comunismo enunciava aos eleitores o espectro ideológico em que se encontrava o candidato David Federmann. Afinal, o prefeiturável dividia o mesmo palanque que Cavalcanti, Távora e Queiroz naquela ocasião.

A fabricação da imagem do candidato da UDN não se resumiu a apresentação da rede de sociabilidade repleta de católicos. No mesmo sentido seguido pela nota que descrevia o médico como

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

sujeito inserido em ambiente cristão e amistosamente bem relacionado, a campanha reproduziu em 5 de agosto um comunicado público de agradecimento aos serviços médicos prestados por David Federmann a uma família vulnerável. O comunicado que exaltava o atendimento humanitário do médico, deixando claro que a assistência médica oferecida não teve custos ao paciente – forjava uma espécie de ‘bom samaritano’, ‘aquele que faz o bem sem olhar a quem’ – finda rebatendo as três principais acusações que acompanharam o udenista por toda a campanha:

Bastante cômoda para nós essa incumbência [de apoiar David Federmann], magnífica em sua altitude e profundidade, quando os defeitos que se apontam ao nosso candidato se resumem em: ser jovem, ser muito atarefado e *ser filho de judeu*. Sublimes esses defeitos, quando mais apontados a um moço, culto e inteligente; a um médico, que dedica todo o tempo ao exercício de sua nobilíssima profissão; *a descendente de um povo [o judeu], que tantos benefícios tem prodigalizado à humanidade. Benditos defeitos!*^{XXXI}.

A campanha udenista dedicou importantes momentos para tratar do fator religioso de David Federmann. Ainda que em pequenas linhas ou parágrafos curtos, procurou destacar que a ascendência judaica de Federmann não era empecilho para seu desempenho administrativo frente à prefeitura. A justificativa para tamanha preocupação em debater tal aspecto indica que o cotidiano e os bastidores da política local enxergavam com seriedade e com poder decisório a ancestralidade hebraica do possível futuro prefeito da cidade.

Cabe destacar que não tivemos acesso às fontes originárias em que supostamente existiam as acusações a respeito de David Federmann. O jornal rival *Diário dos Campos*, não possui ataques desse tipo, o que nos leva a crer na possibilidade desses comentários terem sido reproduzidos durante os programas políticos na rádio PR-J2 e/ou por meio de conversas diárias entre os concorrentes de David Federmann e os eleitores da cidade – em prospectos talvez?

Em 24 de agosto, a campanha udenista recorreu a Menotti Del Picchia para combater o que chamou de “deplorável atitude”, isto é, atacar Federmann por sua ascendência. Diz a campanha:

Referimo-nos, algumas vezes, nestas colunas a uma campanha solerte que se move contra o candidato, Dr. David Federmann, *sob a alegação de sua ascendência judaica*. Ora, isto chega a ser até ridículo, num país de formação étnica tão precária e que deve o seu avanço para a civilização justamente devido a miscigenação das raças que para aqui vieram. Para que não sejamos nós os condenadores dessa deplorável atitude de se combater um cidadão, que tem como único defeito pertencer a uma ascendência que, afinal, só tem através de seus filhos ilustres, prodigalizado benefícios à humanidade, vamos transcrever aqui trechos de um trabalho do apreciado Menotti del Picchia, em que ele combate os pruridos de antissemitismo, que, de quando em vez, surgem entre nós: - Diz o aplaudido homem de letras: - “Pois bem – apesar de tudo isso, reponta, entre nós, às vezes, a tiririca do antissemitismo. Foi o que me contou o prof. Salomão Becker. A sede de “progrooms” [pogroms] levou alguns espíritos pouco cristãos a quererem fazer a pele de Abrão ou de Sara. Belo progresso humano! Recordemo-nos da Polônia mártir e do Calvário trágico criado pelo hitlerismo.

Por que esse velado rancor contra o judeu? Porque alguns deles enriqueceram? Leu o meu leitor amável, por acaso, o romance de Samuel Gold: - “Judeus sem dinheiro”? Saberá que, assim como o Jacob... Stein é êmulo de Matarazzo, e Samuel... bruch é tão pobre como o José da Esquina. Ricaços, tubarões, os há de todas as castas, cores, nacionalidades. Miséria e sofrimento colhem por igual israelitas, maometanos, xintoístas, brâmanes e cristãos. Cristo está em todas as peles, não o Cristo irradiante do Tabor, mas o flagelado e faminto do átrio de Pilatos e o sangrento e abandonado do alto do Gólgota.

Repare bem o tremendo trustista do cimento, da farinha, do ferro, da carne, do açúcar, da bebida, não é judeu. *Não são judeus os maiores ladrões que conheço. Infelizmente muitos deles são bem nacionais.* Talvez haja entre eles alguns marranos, mas as flores dos ganhadores de dinheiro são de raças bem cristãs. De tubarões nacionais de dentuça afiada,

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

que vão à igreja aos domingos, rezam para Nossa Senhora Aparecida, está cheia a praça. *Nosso rancor, pois, não se deve dirigir contra raças, religiões ou seitas, mas contra todo o larápio empedernido, pertença ao povo que pertencer.* Não é contra os judeus que devemos dirigir nossas armas. É contra os que exploram a bondade e a miséria do nosso povo. Esse povo não é aristocrata ou antisemita, apenas paciente e sofredor”^{XXXII}.

Alguns aspectos trazidos à baila pela campanha, também poderiam apontar para um antissemitismo do tipo *nacional e político-racial*. Como não tivemos acesso aos documentos primários sobre o caso, foi possível, apenas, elaborar uma análise a partir das respostas oriundas da base udenista discutidas através da campanha, portanto, o que analisamos tratou-se da discursividade representada a respeito. Contudo, como já dissemos, David Federmann era brasileiro, formado e atuante profissionalmente no país, além de ter servido ao Exército, chegando ao oficialato. Logo, não faria sentido acusá-lo de estrangeiro ou estranho à Pátria, como sugere esse tipo de antissemitismo – inclusive, Federmann já estava na política legislativa municipal. Por outro lado, o antijudaísmo do tipo *político-estatal* faria mais sentido, uma vez que assumindo a prefeitura de Ponta Grossa, estaria um judeu à frente do poder de uma das cidades mais importantes do Paraná, portanto, decidindo os rumos de um espaço onde a cultura católica era sobranceira. Em outras palavras, vereador na cidade, profissional e habitante, tudo bem, mas alcançar o maior posto administrativo? não!

A campanha da UDN, por meio do último trecho transcrito acima, procurou debater a questão envolvendo o “rancor contra o judeu” discorrendo sobre a questão financeira. Ou seja, essa aversão à comunidade judaica se devia ao enriquecimento de alguns judeus? Mas e quanto aos ricos de outros credos? E os responsáveis pela confecção dos produtos de primeira ordem, por acaso são todos judeus? O texto de Menotti Del Picchia usado pela campanha de Federmann procurou retirar a pecha de que os judeus eram todos poderosos, deixando claro que “ganhadores de dinheiro são de raças bem cristãs”^{XXXIII} e prossegue “não é contra os judeus que devemos dirigir nossas armas. É contra os que exploram a bondade e a miséria do nosso povo”^{XXXIV}.

Outros episódios foram retomados pela campanha de David Federmann para justificar suas credenciais de homem íntegro e ilibado, que merecia o posto de prefeito. Grande parte das discussões de campanha reproduzidas e fabricadas pela mídia impressa do *Jornal da Manhã* procuravam responder as críticas amparadas nos três pilares: a) ser um profissional muito atarefado; b) ser muito jovem para assumir a prefeitura e c) ter ascendência judaica. Por isso, a campanha se valeu do ambiente cristão no qual o médico estava inserido para justificar que, embora não fosse um católico, sua ascendência judaica não o impedia de trabalhar harmoniosamente em hospitais e instituições assistidas por freiras e padres da Igreja Católica.

O uso da mídia impressa para representar as articulações e traçar o perfil dos candidatos é um fator importante. É por meio da mídia que podemos perceber os entraves e as tensões entre os aspectos aqui problematizados. O historiador Jean-Noël Jeanneney afirma a importância da mídia para investigar os comportamentos políticos, mas alerta para a necessidade de se investigar com acuidade: “é certo que a imprensa desempenha um papel na evolução dos comportamentos políticos – e, mais violentamente, dos votos”^{XXXV}. Dessa forma, ao usar os espaços possíveis para construir um candidato viável ao eleitor ponta-grossense, majoritariamente cristão católico, a campanha udenista recorreu a um órgão de opinião pública, responsável por formar e instruir parte dos eleitores, ainda que permeado por interesses do grupo ao qual estava inserido.

Uma das últimas publicações visando as eleições de 1955 foi publicada em 23 de setembro, sob o título “*o dever dos católicos*”. Essa publicação não fazia parte da coluna ‘David Federmann e sua candidatura’, era, portanto, uma matéria assinada por Dóro Souza e procurava alertar os católicos ponta-grossenses sobre a importância do pleito de 3 de outubro. Recuperava episódios recentes da

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo *Jornal da Manhã* (1955)

GONÇALVES, R. E.

história e afirmava que não se devia votar em candidatos aliados dos comunistas e dos nazi-fascistas. A mesma publicação continuava expondo aos católicos os perigos de votar em candidatos que ameaçassem a democracia, e usava como exemplo o litígio envolvendo a Igreja Católica e o governo de Péron, na Argentina. Por fim, justificava que o melhor nome para os católicos da cidade, do Estado e do Brasil era Juarez Távora, um político cujo governo respeitaria a fé. Para Dóro Souza:

Não podem os católicos do Brasil, os católicos do Paraná, os católicos de Ponta Grossa, mostrar indiferença pelo pleito que se avizinha. Antes, devem eles levar muito a sério o ponto de vista esboçado por Juarez Távora, de bem e fielmente servir a Igreja de Cristo com exemplo do bom cumprimento do dever. [...] E votar bem e catolicamente é votar em Juarez Távora^{xxxvi}.

Vale lembrar que o candidato a presidente Juarez Távora (UDN) veio a Ponta Grossa para o comício de campanha. Na ocasião, dividiu o palanque com David Federmann, apresentado como o nome local da Frente da Renovação Nacional. Portanto, votar em Távora para presidente era também votar em Federmann para prefeito – segundo a lógica.

Considerações finais

O campo da História Política Renovada, desde a década de 1980, tem contribuído com a problematização dos assuntos que permeiam este texto. Foi com a renovação do campo que, de certo modo, as produções e os apontamentos de caráter biográfico tradicional passaram ao segundo plano na historiografia política, perdendo espaço para o ‘cidadão comum’, as suas práticas e os seus comportamentos. Isso não significou desinteresse acerca das eleições, sufrágios e atores sociais ‘ditos notáveis’, mas um olhar aguçado e problematizante sobre esses, ou seja, tratou-se de uma configuração sobre a disputa pelo poder. David Federmann (UDN) foi derrotado na eleição estudada. Do ponto de vista tradicional, pouca relevância seria atribuída ao vencido, aquele que sucumbiu em sua missão. Contudo, ao abordar o episódio eleitoral por meio da campanha de Federmann percebemos algumas características presentes na cultura social e política de Ponta Grossa naquela época.

O que procuramos ao trazer a disputa pelo poder municipal numa das maiores cidades do interior do Paraná, no curto espaço entre as duas ditaduras brasileiras do século XX, é lançar aos pesquisadores e à comunidade leitora provocações e inquietações a respeito do lugar em que vivem, encontrando na mídia um canal de investigação possível.

Analisar historiograficamente a relação entre religiosidade e política trata-se de um interessante ramo de pesquisa. A comunidade historiadora precisa se debruçar cada vez mais em abordagens científicas que envolvam as conexões e as tensões que levam o eleitor a decidir seu voto. Dessa forma, acreditamos que nossa pesquisa contribui, dentro do possível, com essa instigante temática em expansão.

Este breve escrito trouxe à tona uma parte da campanha do prefeiturável David Federmann (UDN) ao executivo ponta-grossense em 1955. Tendo em vista sua ascendência judaica, o candidato precisou usar o espaço destinado à sua campanha junto ao periódico impresso *Jornal da Manhã* para rebater a acusação de não ser cristão. Com intuito de viabilizar-se eleitoralmente numa cidade majoritariamente católica, Federmann precisou recorrer à rede de sociabilidade permeada de católicos e ao mesmo tempo combater o antijudaísmo presente na (nas) campanha (campanhas) adversária (adversárias).

A iniciativa da campanha do político udenista em fabricar um candidato apto a governar a cidade mais importante do interior paranaense à época, reelaborando suas práticas e experiências a

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

partir da comunidade majoritariamente católica em que ele estava inserido, possibilitou uma importante leitura historiográfica sobre os resquícios do antissemitismo em plena década de 1950 no Sul do Brasil.

Notas^{XXXVII}

^I Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Foi bolsista CAPES durante o mestrado. E-mail: ricardoenguel1@gmail.com

^{II} RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 49.

^{III} BOLOGNESE, Bruno; RIBEIRO, Ednaldo; CODATO, Adriano. Uma nova classificação ideológica dos partidos políticos brasileiros. In: *DADOS*, Rio de Janeiro, vol. 66 (2): e20210164, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/zzyM3gzHD4P45WWdytXjZWg/?format=pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

^{IV} PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. In: *TOPOI*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85, p. 63. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/szkYRxbMSbvn5SCrHrd7MsL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

^V MEZZOMO, Frank; SILVA, Lucas A. da; PÁTARO, Cristina Satiê de O. *Religião e eleições: o uso do Facebook em campanhas no Paraná*. Campo Mourão, PR: Fecilcam, 2022.

^{VI} CALDAS, Carlos. A espiritualidade estético-erótica de Rubem Alves. In: *Theologica Xaveriana*, Bogotá, n. 186, jul./dez. 2018, p. 1-19. Disponível em: <<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/22804/20017>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

^{VII} CERVI, Emerson Urizzi. In: CERVI, Emerson Urizzi (Org.). *Eleições e mídia local: desvendando a democracia de massa em disputas municipais*. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2010, p. 7.

^{VIII} Imagine um cenário típico de eleição municipal em qualquer cidade média ou pequena do país. As agendas públicas de prefeituráveis e vereáveis, a distribuição de material de campanha na presença do candidato, o aperto de mão, o *vis-à-vis* entre candidato e eleitor. Ressalte-se que muitas vezes o local de trabalho, os espaços de lazer e as redes de sociabilidade dos candidatos locais são de conhecimento e até mesmo compartilhados com os eleitores, o que difere em grande medida das eleições nacionais e em certo grau das estaduais.

^{IX} CERVI, op. cit., p. 7-8.

^X PARANÁ. Tribunal Regional Eleitoral. *Resultado de eleições municipais TRE-PR*. Disponível em: <<https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>>. Acesso em: 23 nov. 2022

^{XI} ENGUEL GONÇALVES, Ricardo. *Catolicismo e política: o elemento religioso nas disputas eleitorais pontagrossenses (1955-1963)*. Ponta Grossa, 2023. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

^{XII} Para mais informações sobre as ações políticas de Nivon Weigert, ler: ENGUEL GONÇALVES, Ricardo. Atuar na política para que ela não se faça contra nós: os católicos do Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB). In: 3º Colóquio do PPGH - UEPG, XIV SEMINÁRIO NACIONAL DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA, 17ª PRIMAVERA DOS MUSEUS: REGIONALIDADES NO TEMPO: APRENDER, ENSINAR, PRESERVAR, 2023, Ponta Grossa. *Anais [...]* 3º Colóquio do PPGH-UEPG. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023 (submetido à publicação).

^{XIII} FRENTE da Renovação Nacional: programa radiofônico, a cargo da UDN. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 23 ago. 1955.

^{XIV} PARANÁ. Tribunal Regional Eleitoral. *Resultados de eleições municipais, 1951*. Disponível em: <<https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>>. Acesso em: 21 set. 2022.

^{XV} NÃO HÁ ARGUMENTOS para combater o médico-candidato. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 10 jul. 1955, grifo nosso.

^{XVI} Segundo dados levantados pelo censo de 1960, dos 4.263.721 que representavam a população presente no Paraná (não residente), 3.889.135 declaravam-se católicos romanos. A população declarada “israelita” formava 4.656 (2.458 homens e 2.198 mulheres). Para mais informações: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *VII Recenseamento geral do Brasil*, série regional, vol. 1, Tomo XIV. Paraná, 1960. Disponível em: <<https://archive.org/details/censodem1960rvol1t14/page/n47/mode/2up?view=theater>>. Acesso em 30 abr. 2024.

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

^{xvii} NÃO HÁ ARGUMENTOS, op. cit.

^{xviii} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C. A Igreja Católica e o povo judeu: do ressentimento ao reconhecimento. In: *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 695-713, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27546/24694>>. Acesso em 10 set. 2022.

^{xix} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C, op. cit., p. 697.

^{xx} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C, op. cit., p. 697.

^{xxi} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C, op. cit., p. 698.

^{xxii} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C, op. cit., p. 698.

^{xxiii} GUNDLACH, G. *Apud* MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C. A Igreja Católica e o povo judeu: do ressentimento ao reconhecimento. In: *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 695-713, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27546/24694>>. Acesso em 10 set. 2022, p. 698.

^{xxiv} *Ibidem*.

^{xxv} MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C, op. cit.

^{xxvi} A VOZ FEMININA também se manifesta na campanha eleitoral. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 21 set. 1955, grifo nosso.

^{xxvii} DIRIGE-SE ao povo pontagrossense o nobre e digno representante udenista. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 1 out. 1955, grifo nosso.

^{xxviii} NÃO HÁ ARGUMENTOS, op. cit.

^{xxix} Sobre o histórico patrimônio ponta-grossense, acessar: <https://www.ipatrimonio.org/ponta-grossa-acervo-fotografico-do-ponto-azul/#!/map=38329&loc=-25.095581211183905,-50.155598614134504,17>.

^{xxx} CONSAGRAÇÃO de Ponta Grossa ao general Juarez Távora. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 1955, grifo nosso.

^{xxxi} SUCEDEM-SE as manifestações de reconhecimento. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 5 ago. 1955, grifo nosso.

^{xxxii} CAMPANHA inglória contra uma famosa organização democrática. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 24 ago. 1955, grifo nosso.

^{xxxiii} *Ibidem*.

^{xxxiv} *Ibidem*.

^{xxxv} JEANNENEY, J.N. A Mídia. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 216.

^{xxxvi} SOUZA, D. O dever dos católicos. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 23 set. 1955.

Referências bibliográficas

A VOZ FEMININA também se manifesta na campanha eleitoral. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 21 set. 1955.

AZZI, Riolando. O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930. *Síntese Política Económica e Social - nova fase*, Rio de Janeiro, v. 4, n.10, p.61-89, maio/ago. 1977, v. 4. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2592>>. Acesso em 10 set. 2022.

BOLOGNESE, Bruno; RIBEIRO, Ednaldo; CODATO, Adriano. Uma nova classificação ideológica dos partidos políticos brasileiros. In: *DADOS*, Rio de Janeiro, vol. 66 (2): e20210164, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/zzyM3gzHD4P45WWdytXjZWg/?format=pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CALDAS, Carlos. A espiritualidade estético-erótica de Rubem Alves. In: *Theologica Xaveriana*, Bogotá, n. 186, jul./dez. 2018, p. 1-19. Disponível em: <<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/22804/20017>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

CAMPANHA inglória contra uma famosa organização democrática. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 24 ago. 1955.

CERVI, Emerson Urizzi. In: CERVI, Emerson Urizzi (Org.). *Eleições e mídia local: desvendando a democracia de massa em disputas municipais*. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2010

CONSAGRAÇÃO de Ponta Grossa ao general Juarez Távora. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 1955.

DIRIGE-SE ao povo pontagrossense o nobre e digno representante udenista. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 1 out. 1955.

ENGUEL GONÇALVES, Ricardo. *Catolicismo e política: o elemento religioso nas disputas eleitorais ponta-grossenses (1955-1963)*. Ponta Grossa, 2023. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ENGUEL GONÇALVES, Ricardo. Atuar na política para que ela não se faça contra nós: os católicos do Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB). In: 3º Colóquio do PPGH - UEPG, XIV SEMINÁRIO NACIONAL DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA, 17ª PRIMAVERA DOS MUSEUS: REGIONALIDADES NO TEMPO: APRENDER, ENSINAR, PRESERVAR, 2023, Ponta Grossa. *Anais [...]* 3º Colóquio do PPGH-UEPG. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023 (submetido à publicação).

FRENTE da Renovação Nacional: programa radiofônico, a cargo da UDN. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 23 ago. 1955.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *VII Recenseamento geral do Brasil*, série regional, vol. 1, Tomo XIV. Paraná, 1960. Disponível em: <<https://archive.org/details/censodem1960rvol1t14/page/n47/mode/2up?view=theater>>. Acesso em 30 abr. 2024.

JEANNENEY, J.N. A Mídia. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

NÃO HÁ argumentos para combater o médico-candidato. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 10 jul. 1955.

MAÇANEIRO, M. SOUSA, C.C. A Igreja Católica e o povo judeu: do ressentimento ao reconhecimento. In: *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 695-713, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27546/24694>>. Acesso em 10 set. 2022.

MEZZOMO, Frank; SILVA, Lucas A. da; PÁTARO, Cristina Satiê de O. *Religião e eleições: o uso do Facebook em campanhas no Paraná*. Campo Mourão, PR: Fecilcam, 2022. Disponível em: <<http://religioeeleicoes.unespar.edu.br/>>. Acesso em 15 set. 2022.

A imprensa escrita como veículo de tensões eleitorais: os conflitos político-religiosos reportados pelo Jornal da Manhã (1955)

GONÇALVES, R. E.

PARANÁ. Tribunal Regional Eleitoral. *Resultados de eleições municipais, 1951*. Disponível em: <<https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>>. Acesso em: 21 set. 2022.

PARANÁ. Tribunal Regional Eleitoral. *Resultado de eleições municipais TRE-PR*. Disponível em: <<https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. In: TOPOI, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/szkYRxbMSbvn5SCrHrd7MsL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, D. O dever dos católicos. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 23 set. 1955.

SUCEDEM-SE as manifestações de reconhecimento. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 5 ago. 1955.

ZULIAN, R.W. *Entre o aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965)*. Florianópolis, 2009. 438 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina.